

**MAIS UM
DIA GLORIOSO
EM TAU CETI!**

LADY SYBYLLA



[MOMENTUMSAGA.COM](https://momentumsaga.com)

MAIS UM DIA GLORIOSO EM TAU CETI!

POR LADY SYBYLLA

Um tempo atrás, recebi um convite da Revista Black Rocket, de ficção científica, para publicar um conto. O conto foi aprovado e publicado na edição número 5 da revista, em dezembro de 2013, uma edição dedicada às heroínas.

Como eu gosto muito dele, achei que ele merecia uma revisão, uma complementação e uma edição nova para o blog. É um conto pequeno, mas espero que goste!

Acho que não é necessário lembrar que este *ebook* está protegido pela lei de direito autoral nº 9.610/87 e que plágio é crime previsto no código penal. Esta obra está sendo distribuída GRATUITAMENTE via download pelo blog Momentum Saga (momentumsaga.com) e não pode ser distribuído de outra maneira sem a expressa autorização da autora.

Capa: Lady Sybylla

_ Bom dia, Tau 3! Mais um dia glorioso em Tau Ceti! Que belo dia para a colônia! Aqui é a sua rádio colonial, transmitindo em todas as frequências para o estaleiro orbital e para os assentamentos! E vocês sabem que estou abusando da ironia, afinal quem tem o que reclamar do Consórcio Terra e suas instalações, não é mesmo? Mas deixando de lado as desgraças, vamos aos avisos! Temos alerta de tornados no continente central, então a colônia 4 terá que fechar as escotilhas e suspender as operações de mineração no meio da tarde. O aviso não se aplica às outras quatro, ok, pessoal? Na colônia 2 teremos limpezas das piscinas de decantação e das caixas d'água, portanto separem baldes e encham banheiras antes do fechamento das válvulas. Uma nave de suprimentos está vindo do nosso querido e longínquo Sistema Solar, uau, lembraram-se da gente, não é fantástico? - o radialista ri da própria ironia perversa - Ela traz equipamentos novos para a refinaria e para a estação da 4Diamonds, além dos suprimentos adicionais da Cooperativa de Alimentos e encomendas. Quem tiver seu número de rastreio pode ir diretamente à agência. Certo, pessoal? Vamos começar esse dia? Que tal um pouco de música?

Indara tocou a tela e desligou o rádio. Continuou comendo seus cereais com leite de soja, agradecendo por ter conseguido comprar ao menos um litro de leite naquela manhã. Os cereais estavam um pouco mofados, mas fazer o que? Vida de colono era assim mesmo, dizia seu pai. Uma vida dura, de privações, cansativa. Eram todos vítimas do descaso do Consórcio que criou mais colônias do que era capaz de administrar e depois vendeu a maioria para companhias de mineração, as únicas que realmente tinham lucro com a exploração espacial.

O alojamento da família era pequeno até para os padrões coloniais. Com o crescimento da colônia acima da capacidade inicial estimada, como sempre acontecia, a administração tinha que comprar novos blocos - o que era estupidamente caro - ou tinha que adaptar setores e remanejar equipamentos. Indara morava no que antes tinha sido um pequeno depósito de sobressalentes.

Apenas 16 anos. Indara deveria estar à caminho de uma universidade àquela altura, mas teria que sair do setor para estudar em outro lugar, o que não poderia fazer, já que não tinha dinheiro. Financiamentos estudantis estavam suspensos para seu setor nos últimos dois anos e Tau Ceti não tinha centros universitários. Tinha apenas dois cursos técnicos bastante concorridos na área de mineração e admitia que não gostava de estudar. Mastigava seus cereais murchos com leite

fraco, olhando para a pequena cadeira no canto da sala. Seu irmãozinho gostava de cereais com leite. Gostava de cantar no café da manhã, único momento em que todos se sentavam à mesa. Seu irmãozinho não estava mais ali. A anemia profunda e a fome levaram seu pequeno companheiro havia apenas um mês.

Deixando a tigela de lado, Indara vestiu seu agasalho puído, botou a mochila nos ombros e saiu do alojamento cobrindo a cabeça com o capuz. Bateu a porta com força para trancar. Conseguira trabalho na oficina civil de Tau 3. O Conselho da Juventude agora a tutelava, já que não tinha mais um tutor legal ou responsáveis e arrumou trabalho para ela assim que completara 16 anos. Mas ganhava tão pouco e gastou tanto com remédios para o pai e para o irmão, que o pouco que restava ia para a comida. Quando foram ameaçados de despejo, a comida ganhou status secundário e o aluguel precisou ser pago. Indara evitava pensar nisso, pois sempre vinha bile à garganta, lembrando o quanto odiava o Consórcio Terra e suas colônias sucateadas.

Passou em frente ao Centro Médico e parou um instante. Fila no balcão da farmácia, crianças esperando o pediatra num canto. Indara engoliu seco e baixou a cabeça. Não tinha coragem de visitar o pai. Não conseguiria olhar para ele e falar que o filho morrera. A fome e a situação de penúria o enlouqueceram e ele fora levado havia pouco mais de um mês para o sanatório colonial, uma ala dentro do CM. Tentou matar os filhos e o suicídio por ser incapaz de alimentar a família. Indara apenas sabia de seu estado pela médica que cuidava dele e lhe enviava mensagens semanais. Ele ficava andando no quarto, rodando em círculos, balbuciando coisas sem sentido, volta e meia chamando a mulher e os filhos. Seu pai fora técnico nos hangares consertando turbinas e girava o dedo continuamente, o mesmo sinal que fazia quando pedia que alguém ligasse o motor para testar as hélices. “Gira-gira” era o que ele falava.

De cabeça baixa, Indara seguiu seu caminho. Atravessou as áreas nobres de Tau 3, vendo os jovens abastados, filhos de funcionários da 4Diamonds, companhia de mineração que custeou as colônias, ou de comerciantes bem sucedidos saindo da Alameda, uma área com lojas, lanchonetes e casas de tatuagem. Todos corados, felizes, bem alimentados, comentando sobre o próximo ano, quando estariam todos estudando em Centauro. Bom para eles, pensou Indara. A colônia ficaria, ao menos, melhor para viver.

Aqui e ali ouvia alguma agitação. Algo sobre ameaças de intervenção, ataques, terrorismo em outros setores. Indara não ligava. Política era algo que não entrava em sua cabeça. Parecia uma maneira menos suja de fazer guerra e de se gabar por manter a sociedade funcionando, sendo que a exploração do mais fraco permanecia intacta nos últimos oito mil anos. Blá, blá, blá, malditos.

Nas oficinas, Indara trocou de roupa. Vestiu seu macacão, catou sua maleta de trabalho e seguiu para a garagem. Sua função era simples, mas cansativa, limpar o interior dos veículos, encerar bancos, aspirar carpetes, desengordurar vidros. Pequenos reparos podiam ser feitos como apertar parafusos frouxos. Mais um dia glorioso para a colônia, dizia um pôster na parede da oficina.

_ Bom dia, Tau 3! Mais um dia glorioso em Tau Ceti! Que belo dia para a colônia! Aqui é a sua rádio colonial, transmitindo em todas as frequências para o estaleiro orbital e para os assentamentos! E que sujeira levantou aquele tornado ontem, hein? Tenho areia nas orelhas até agora e nem pude tomar banho por causa do racionamento na colônia 2. - dispara o radialista a dar risada - Vamos aos avisos de hoje, pois o Consórcio amanheceu pegando fogo. Literalmente! Um atentado atingiu o Departamento de Administração Colonial em Marte, setor do Sistema Solar, horário padrão da Terra às 0800 horas. Quarenta e cinco pessoas morreram e 110 ficaram feridas. Ninguém ainda assumiu, mas bem sabemos quem pode ter sido, certo? O alerta de tornado continua, galera, então cuidado ao seguir para as minas que estão com as operações na normalidade caso o alerta vá de F3 para F4. O racionamento de água...

Rádio desligado. Tinha horas que a voz daquele cara enchia o saco. Indara acordou de um pesadelo naquela manhã. Sonhou que seu irmão a chamava no escuro e não conseguia encontra-lo. Era comum ter sonhos desse tipo, perdida, sem enxergar, com pessoas dependendo dela. Quem poderia depender dela, agora que não tinha mais ninguém?

Dois toques tímidos na porta a assustaram. Era a conselheira da juventude, querendo falar com ela. Saco, esqueceu que era dia 5. Abriu a porta, tentando parecer simpática, mas nenhum sorriso se formara em seu rosto. Aliás, era algo frequente. Sempre foi uma criança calada, relegada aos cantos da escola por ter poucos amigos. A conselheira a olhou com cuidado. Parecia mais magra do que antes. O cabelo bem curto, preto, acentuava seu abatimento. Jovens órfãos e desassistidos eram muito comuns em colônias pobres. Muitos fugiam em navés para outros sistemas ou morriam tentando fazer isso. Não que a situação no destino fosse muito boa, mas ao menos alimentava muitas esperanças. Não entendia porque Indara nunca tentou sair.

Dia 5 era o dia da visita e da revista da casa. Tudo era anotado para os relatórios mensais. Dependendo da situação, o jovem era realocado para uma instituição. O que Indara não queria. Os centros de menores e sem tutela eram poços onde gerações eram jogadas e pouco restava para eles além das forças armadas. Uma maneira eficiente de ter soldados sem se preocuparem com pensões para familiares. Muito lucrativo.

Visita feita, poucas palavras trocadas. A casa estava em ordem apesar dos poucos móveis e pertences. Pouca comida no armário. A conselheira prometeu enviar uma cesta com provisões ainda naquele dia. Indara deu de ombros e fechou a porta assim que ela saiu. Precisava trabalhar.

Pelo caminho, agitação nos bares e nas telas de informação. As implicações sobre o atentado em Marte se desenrolavam sobre as colônias. Naves de resgate sobrevoavam os escritórios coloniais apagando os incêndios estruturais e retirando corpos. Os sistemas de reciclagem do ar dos domos urbanos estavam saturados com a fumaça que ainda teimava em se erguer. Já passava de 60 o número de mortos. Soberania Madjen confirmara a autoria. “A liberdade não se cala” podia ser lido em um muro próximo ao prédio atingido. Frase forte, Indara pensava. Algo livre não deveria mesmo ficar calado. Se ficar, não é livre.

Um dia inteiro de carpetes aspirados, estofados encerados, vidros desengordurados, parafusos de assentos apertados e Indara estava cansada. Seu corpo franzino para a idade, fruto da subnutrição da infância, cansava-se com rapidez. Chegava em casa sempre com fome e como dificilmente tinha o que comer, dormia de barriga vazia. Mas não naquela noite. Na porta de seu alojamento, um agente do Conselho da Juventude aguardava e aos seus pés uma caixa azul lacrada. Ela apertou o dedo na tela do protocolo, o agente agradeceu e foi embora.

Frutas secas, água, ração padrão, leite de soja, carne processada, até mesmo um quarto de queijo amarelo e um pedaço grande de pão. Grãos para cozinhar. Com a caixa aberta no meio da sala improvisada, ela comia os damascos secos com gula, chorando a cada dentada. Que vida de merda, ela pensava. Merda! Era para isso que o ser humano vivia? Para padecer dia a dia como um merda? Pensou em seu irmão brincando no colo do pai quando ainda era um bebê bochechudo e sadio naquela mesma sala. Antes da mãe morrer, a vida parecia fazer sentido. E agora?

Com o estômago cheio, cansada de tanto chorar, Indara caiu no sono no chão ao lado de pacotes abertos e do cheiro bom de comida.

O rádio ligando sozinho às 0700 horas padrão a despertou subitamente. Sentiu-se deslocada por um instante, a cabeça um pouco confusa por perceber que acordou fora do lugar de costume.

_ Bom dia, Tau 3! Mais um dia glorioso em Tau Ceti! Que belo dia para a colônia! Aqui é a sua rádio colonial, transmitindo em todas as frequências para o estaleiro orbital e para os assentamentos!

Indara estava pronta para desligar a voz irritante para poder comer no silêncio do alojamento.

_ E a situação em Marte tá piorando, pessoal. Tá feia a coisa.

Seu dedo parou no meio do caminho.

_ Ao que parece, o secretário do Departamento de Administração Colonial morreu na explosão. Bem como sua família que se encontrava no prédio. Vários políticos influentes estavam lá naquela manhã marciana e isso tem causado um tremendo mal estar na política de Ganimedes, que todo mundo sabe, é o satélite do poder no sistema solar, é onde fica a sede do Consórcio Terra. A presidente Gaposhkin fez um discurso inflamado hoje, alertando que não vai tolerar atos de terrorismo contra nenhuma colônia e que retaliará com a força necessária para prender os responsáveis por tamanha barbárie. O número de mortos subiu para 122 na última contagem, sem contar os desaparecidos, que não se sabe ao certo quantos sejam. A explosão destruiu o prédio do DAC e também a estrutura da rua e dos comércios à frente. As lajes superiores do prédio ruíram em cascata e podem ter pessoas ainda soterradas nos andares do subsolo. Robôs entraram pelo o que restou do sistema de ventilação e tem levado ar fresco para as pessoas. Existe o risco de fissura embaixo da fundação do domo, parece que tem perda de ar fresco. - a voz do radialista estava preocupada de verdade - Vamos aguardar novas informações, certo pessoal? Fiquem tranquilos aí.

Pegando um novo pacote de frutas secas, Indara pensava em como funcionava a cabeça de um terrorista. Quem morreria por uma causa? Certamente, os membros da Soberania Madjen viam os atos dos atentados como um ato heroico contra um poder opressor. Era interessante pensar que o herói pode perder seu status dependendo do lado em que ele se encontra.

Com sua mochila nas costas, Indara bateu a porta com força e seguiu seu caminho para as oficinas. Comia fatias de maçã desidratadas enquanto caminhava pelos corredores quando foi jogada no chão. As fatias se esparramaram pelo piso. Um grupo de no máximo seis pessoas corria de um duto de ar para outro. Arrancaram a grade, passaram com pressa, chamando os companheiros, fazendo sinais com as mãos, olhando para todos os lados.

Um rapaz a olhou com urgência. Algo como “você não viu nada, certo?”. Indara sabia que os dutos levavam aos esconderijos preferidos para usar drogas, transar e fazer festas. Mas aquele não parecia o caso. Os outros três passaram, com o último fechando a primeira grade. O Urgente a olhou uma vez mais antes de puxar a grade, um olhar que parecia de despedida. Ele sumiu em seguida.

Com cuidado, Indara saiu de sua imobilidade e bisbilhotou por entre as grades da ventilação. O túnel estava vazio e pouco iluminado. Precisava ser limpo, pois era possível ver as marcas dos calçados e o arrastar de joelhos por ele. Ela ainda teve tempo de recolher suas maçãs - não desperdiçaria comida - e continuou seu caminho. Um evento estranho em um dia comum...

Seu pequeno aspirador de pó era silencioso e pequeno. Limpava um veículo com bancos confortáveis, mas que cheirava à sorvete. O carpete estava impronunciável. A areia fina que saía dos poços de mineração naquele planeta miserável entrava em tudo. Mesmo Indara indo pouco para fora dos blocos coloniais, sempre tinha areia nas meias.

De repente, sem nenhum tipo de aviso, seu mundo parecia uma roleta. O veículo girava no ar em piruetas sem sentido, enquanto a oficina brilhava como um sol. Indara conseguiu se segurar no banco enquanto era jogada de um lado para o outro, até que sentiu o baque duro contra o chão e o barulho de metal contra metal. Foi quando tudo ficou misteriosamente silencioso.

Fumaça. Calor. Indara abriu os olhos e se viu ao contrário. Conseguiu se endireitar e se arrastou para fora do veículo que com certeza era perda total. Sentiu o rosto molhado e limpou com a manga do macacão que ficou rubra. Sangue escorria em profusão de sua testa. Parecia que não estava mais na oficina. Havia um rombo na porta da garagem que vivia fechada para o exterior. Os automóveis que ela atendia serviam apenas nos largos corredores da colônia e não costumavam ir para o lado de fora. A fumaça vertia dos locais chamuscados. Vários de seus companheiros de trabalho jaziam mortos no chão, alguns em posições impossíveis, alguns alvejados.

Seja lá quem fez aquilo, fez o veículo voar pelos ares, o que muito possivelmente salvou a vida de Indara. Com areia entrando rapidamente pelo jato de ar, Indara saiu de lá empurrando as portas que pareciam com defeito. Chegou ao corredor e então ouviu o alerta geral e as luzes vermelhas de emergência acesas no alto das paredes. Um alerta desses aparecia quando havia confrontos armados pesados, invasões, explosão do reator. As telas de sinalização estavam off line. Indara procurou alguém para pedir ajuda, mas os corredores estavam vazios.

A cabeça doía, apesar de o corte parecer melhor. Já não sangrava mais. Apenas tinha um calombo no lugar. Continuou seguindo por corredores paralelos aos corredores centrais. Será que os terroristas tinham explodido a colônia? As seis pessoas que viu no corredor... Eram eles? Estariam coordenando o ataque?

Gritinhos finos e choro alto podiam ser ouvidos de onde ela estava. Voltou atrás alguns passos e seguiu um novo corredor que também estava vazio. Encontrou um homem caído no chão com uma bala na testa. Sua camiseta dizia Professor. É claro... ela estava no bloco educacional de Tau 3. Conhecia aqueles corredores, mas com a iluminação vermelha tudo parecia diferente. Bisbilhotou o interior. Os gritinhos aumentaram. Ela olhou de novo, mas dessa vez para baixo. Achou que estava alucinando. Era seu irmão! Não! Seu menino, tão meigo, não podia estar ali!

Indara abriu e fechou os olhos várias vezes. Não era seu irmão. Mas era um garotinho com o rosto sujo de fuligem. Ele segurava um pequeno bicho de pano, também sujo. Atrás dele, três meninas e mais um menino, todos amuados embaixo da pequena mesa de atividades. Olhando para o corredor, onde via os pés do professor morto, ela pensava se os terroristas não tiveram coragem de atirar em crianças pequenas ou se foi porque eles não as viram.

O garotinho a abraçou com força, soluçando. As quatro crianças fizeram o mesmo e Indara se viu rodeada de bracinhos e soluços lacrimosos, pedindo pela mãe, pelo pai, pela avó. Estavam com tanto medo quanto ela, o que crianças pensariam sobre o que estava acontecendo?

Sem pensar muito, Indara pegou os cordões da parede. Quando o professor saía da escola com crianças pequenas, ele usava cordões que prendiam uma na outra, com uma guia principal no seu cinto. Assim podia se certificar que nenhuma delas se perderia. Indara, com cinco anos, descobriu como soltar um daqueles cordões e começou a correr pela praça central de Tau 3. O pensamento a encheu de saudosismo, por alguma razão.

Com tudo pronto, cinto amarrado e crianças atreladas, Indara começou a se

esgueirar para fora do bloco educacional. Ouviu passos e fala apressada no final do corredor principal. Abaixada no mesmo nível das crianças, viu soldados, ao menos achava que eram, passando ligeiros de um lado para o outro. Sacos pretos eram levados para algum lugar. Um deles se apressou em direção ao bloco educacional assim que Indara escoltou os pequenos para um novo corredor à frente da posição dos soldados. Ainda teve tempo de ver quando ele jogou uma granada dentro da sala de aula de onde ela acabara de sair. Fumaça e detritos saíram dela pouco depois.

Mas o que estavam fazendo? O que os terroristas procuravam? O jeito era seguir para fora dos blocos administrativos e tentar entrar no civil e quem saber ter umas respostas. Certamente a guarda colonial estava aquartelada e recebendo feridos e moradores. Não poderia usar a passarela, a principal passagem para os pedestres, tampouco as ruas abaixo dela. Usaria corredores de manutenção. Era mais seguro.

Abraçou as crianças na penumbra quando viu que não tinha como fugir de um novo grupo de lançadores de granadas. Não foram vistos. Crianças são espertas. Elas ficaram quietinhas, acatando às ordens de Indara e se abaixando quando era necessário. Seu irmão costumava ser bem desobediente. Fazia birra e quase matava o pai de vergonha algumas vezes. Crianças são seres complexos, ela pensou. Mesmo que nunca na vida quisesse ter uma, as admirava. São fortes, muito além do que os adultos pensam que ela são.

Em um corredor, Indara precisou parar para observar o que acontecia. Estavam nos arredores da praça central. Boa conhecedora que era dos corredores de Tau 3, ela conseguiu evitar qualquer pessoa que pudesse perguntar quem era e o que estava fazendo ali com cinco crianças. Viu várias pessoas ajoelhadas na praça central, de cabeça baixa. Eles teriam invadido a colônia? Qual era o crime? Odiava ficar sem respostas.

As crianças ameaçaram chorar e ela devolveu um olhar irritado para elas. Estavam com fome. Claro, tinham passado as últimas duas horas rodando por corredores e dutos de ar, escondidas de soldados e pessoas armadas por todos os cantos. Enfiou a mão no macacão. Ainda tinha as maçãs desidratadas que todos comeram. Indara deixou a maioria para elas, começou uma ou duas apenas para calar o estômago. Não tinha fumaça pelos corredores onde estavam. Nem havia marcas de fuligem também. Um sinal de não haver danos estruturais naquela área.

Conforme prosseguiram, notaram a limpeza do chão e a integridade de portas e passagens. Estavam em uma área não danificada. Estava cansada, com dor no

corpo, a cabeça batia como um sino e as crianças estavam irritadas, com sono, choramingando. Foram necessários alguns gritos para que continuassem andando. E um desses gritos foi alto demais. Um tiro quase acertou a testa de Indara se ela não tivesse virado para berrar algo mais para as crianças. Arrastando todas elas em sua correria, cruzando corredores, fechando portas, atravessando passagens de mercadorias e de transportadores de lixo, Indara se aproximou do setor habitacional. Ouvia ordens atrás de si acompanhadas de mais um tiro.

Uma criança gritou com um tiro de raspão na perna. Carregando a menina, Indara corria, arrastava, se esforçava, tentando tirar os pequenos da zona de tiro e foi quando viu alguém da administração colonial, nervosamente conversando com um oficial armado, que parecia bem aborrecido.

Ambos viram a gritaria e a correria. Quando o Oficial ergueu o rifle, o Administrador se pôs na frente. Não faça isso!, ele berrava e Indara ouvia agradecida. São moradores de Tau 3, não faça isso! Ué? Precisava avisar quem era morador e quem não era? A colônia fora invadida por terroristas e ela quase morreu com um tiro na cabeça. Será que a confundiram com um deles?

Sentada no chão, recebendo tratamento na testa e um remédio para dor, Indara ouvia a conversa do Administrador. Tinham danos estruturais nos blocos administrativos e de manutenção, na garagem, nas oficinas, nos depósitos. Mas a estrutura de água, as estufas e o Centro Médico estavam em ordem, assim como o bloco de alojamentos.

Indara viu o Urgente. Ele estava algemado, de cabeça baixa, junto de outros cinco, escoltados por soldados. Foi então que num momento de esclarecimento, um momento único na vida de Indara, ela entendeu o que aquilo e tudo o que viveu queriam dizer. Desde o momento em que sua mãe morreu, em que seu irmão padeceu de fome e que seu pai enlouqueceu, Indara era vítima do jogo entre o mais forte e o mais fraco. Vendo aquelas seis pessoas escoltadas por soldados do Consórcio Terra, foi possível perceber o que de fato ocorrera em Tau 3.

As tropas devem ter recebido alguma dica sobre a presença de terroristas procurados no setor de Tau Ceti e invadiram a colônia violentamente. O momento em que seu corpo girava no veículo na oficina retornou em sua cabeça e ela precisou se ajoelhar e vomitar. Um enfermeiro a auxiliou, dando-lhe um copo com água para lavar a boca e o rosto sujos de sangue, bile e poeira.

Não somos terroristas, porra!, ela pensava. Não somos! Só queremos viver em paz! Alimentar nossa família! O que pensam que a gente é, caralho?!

As crianças correram para seus pais, pessoas abastadas, logo se via. Executivos da 4Diamonds, com certeza, que chegaram afobados, assustados, abraçando as crianças que Indara salvou. Um deles ouviu a história do Administrador, que apontou para a raquítica moça de macacão de oficina caída no chão. A mãe de uma delas se aproximou, passou a mão em sua cabeça, agradeceu pelo ato heroico em um momento de tamanho desespero e se afastou. Parecia que tudo estava em câmera lenta.

Do carro da Polícia Militar do Consórcio Terra, agora Indara podia ver o símbolo na fuselagem, olhos escuros a observavam. Era o Urgente, aquele que lhe encarara no corredor. Será que pensava que ela teria dado a dica? O que aqueles olhos queriam dizer?

“Você salvou a vida dos abastados, não foi? E o que isso mudou a sua própria vida? O que você fez de diferente até agora, heroína?”

A viatura ficou ali por alguns segundos e partiu.

_ Bom dia, Tau 3! Mais um dia glorioso em Tau Ceti! Que belo dia para a colônia! Aqui é a sua rádio colonial, transmitindo em todas as frequências para o estaleiro orbital e para os assentamentos! Não sei se devo dizer que é um belo dia depois do que houve ontem, não é mesmo? Forças da Polícia Militar do Consórcio Terra estacionadas em Tau 1 invadiram a base ontem buscando terroristas que pudessem ter participação com o atentado em Marte. Mas convenhamos, eles teriam tido tempo de retornar do sistema solar para Tau Ceti? Não sei, não, isso tem que ser investigado direito. Seis terroristas foram presos, mas tivemos dezenas de feridos e 21 mortes para a colônia. E tivemos uma história emocionante ontem, quando uma funcionária da oficina conseguiu tirar cinco crianças da zona de conflito e as levou em segurança para os braços dos pais. Bonito, não é? Mas tirando isso, a Administração Colonial está convocando voluntários para a limpeza nos blocos afetados pela entrada forçada dos PMs. Por que não usaram a porta como todo mundo faz? Enfim!

Indara desligou o rádio, pegou a sacola e fechou o alojamento pela última vez. Olhou por um momento para o ambiente pobre e descuidado antes de fechar aquele capítulo de sua vida. Na sacola tinha frutas secas, queijo, leite de soja, carne processada. Andava com um sentimento renovado, não sabia bem por que. Seu rosto ficou conhecido por toda Tau 3, mas ela não gostava desse reconhecimento. Continuava sendo a Indara de sempre, pobre, faminta, subnutrida. Salvou filhos de ricos, enquanto seu irmão era um cubo de cinzas que ela carregava na mochila com seus poucos pertences.

Chegou ao Centro Médico assim que o horário de visitas começou. Registrou seu nome na entrada da ala psiquiátrica e o enfermeiro a levou para uma sala particular de refeições. Seu pai estava lá, olhando pelas escotilhas para o lado de fora, vendo os robôs de mineração no poço mais próximo.

Indara entrou em silêncio, fechou a porta e começou a montar o café da manhã na mesa, colocando canecas para tomarem o leite, cortando o pão, o queijo, pondo frutas secas num pratinho.

_ Pai? É Indara - sua voz saiu incerta.

_ Gira-gira - e ele rodopiava o dedo no ar.

_ Tudo gira, pai.

Ela colocou a mão em seu ombro, sentindo as lágrimas penderem dos cílios. Era mais um dia glorioso em Tau Ceti.

Nenhum alien, mulher, homem ou criança foi machucado para a confecção deste ebook!

